

CIDADES HISPÂNICAS NO *ORDO VRBIUM NOBILIUM* DE AUSÓNIO: UMA PROPOSTA DIDÁCTICA

Frederico Lourenço

Hispalis

- 81 Clara mihi post has memorabere, nomen Hiberum,
82 Hispalis, aequoreus quam praeterlabitur amnis,
83 summitit cui tota suos Hispania fascēs.
84 Corduba non, non arce potens tibi Tarraco certat
85 quaeque sinu pelagi iactat se Bracara diues.

81 clara *Tollius*, cara *VH*, cura *P* has *Ug.*, hos *codd.* nomen *PH*, numen *V* hiberum *V*, hibernum *P*, hybernum *H* 82 Hispalis *V*, Emerita *PH* 84 non non *H*, hinc non *V*, non *P*¹

O objectivo da presente comunicação é propor ao docente de latim a eventual utilização didáctica de um dos poemas contidos no *Ordo Urbium Nobilium* ou 'Catálogo das Cidades Ilustres' de Ausónio, concretamente o poema que menciona as cidades hispânicas de Híspalis (Sevilha), Córdoba, Tarragona e Braga. Ausónio não figura propriamente, como todos sabemos, no elenco de autores normalmente estudados no ensino secundário e superior. No entanto, para o docente, é por vezes descansativo sair da rotina imposta pelo estudo dos autores canónicos; para o estudante, é aliciante defrontar-se com o desafio de ler um texto

¹ Texto e aparato de R. P. H. GREEN, *The Works of Ausonius*, Oxford, 1991.

inesperado, sobretudo quando este lhe é apresentado numa aula de leitura e análise à primeira vista, exercício que considero indispensável no ensino do grego e do latim, em virtude de permitir ao docente avaliar as capacidades dos alunos numa situação que não é a da regurgitação não raro mecânica e 'irracional' de um texto preparado em casa. Quantas vezes somos confrontados com alunos que, nas aulas, parecem ter conhecimentos mínimos de latim, para depois nos testes se revelarem incapazes de juntar os sintagmas mais simples. O professor de grego e latim tem a obrigação de ensinar aos seus alunos como pegar num texto à primeira vista: deve transmitir estratégias que dêem ao aluno o à-vontade de, num teste, chegar sem grande dificuldade a uma compreensão rápida do texto a traduzir.

No caso do texto de Ausônio que agora nos ocupa, pode dizer-se que os conhecimentos de latim pressupostos da parte dos discentes são relativamente elementares, pois este breve poema de cinco hexâmetros dactílicos pode, com a ajuda do professor, ser compreendido por alunos que conheçam a conjugação do indicativo nas vozes activa e passiva (surtem tão-só formas do *infectum*), as 'primeiras três' declinações e os pronomes demonstrativo e relativo. Quanto aos conhecimentos de sintaxe, decorrem dos de morfologia (orações relativas e agente da passiva, aqui em dativo). Mesmo que não se tenha avançado muito na sintaxe dos casos, não há nada de muito transcendente num ablativo a exprimir lugar onde (*sintu*, v. 5) e causa ou meio (*arce*, v. 4 'poderosa devido à sua cidadela'). Julgo tratar-se de um pequeno texto motivador para alunos de latim, quer ao nível secundário, quer universitário (neste âmbito estou a pensar especialmente no Curso Elementar de Latim), em primeiro lugar devido à sua acessibilidade em termos linguísticos e, em segundo, porque alude a localidades da Península Ibérica, das quais uma – Bracara – se situa no actual território português, circunstância que poderá mitigar a dificuldade do último verso, no tocante ao qual o professor deverá apelar à curiosidade dos alunos em descobrir o que um autor latino do séc. IV d.C. teria a dizer sobre Braga. Devido à sua temática, este texto reveste-se ainda do interesse adicional de funcionar como suporte para uma eventual referência ao modo como se desenrolou a integração da Hispânia no Império Romano, desde os problemáticos e sangrentos tempos do séc. II a.C. até à última década do séc. IV d.C., altura em que este poema terá sido composto.

Faremos em primeiro lugar uma apresentação sucinta do *Ordo Urbium Nobilium*. Trata-se de uma pequena colectânea constituída por catorze poemas em hexâmetros dactílicos, em que as principais cidades do império são descritas e valorizadas. As posições mais destacadas na colecção são as de Roma e Burdigala (a actual Bordeaux), Roma por ser

naturalmente a capital do Império e Burdígala por ser a cidade natal de Ausónio. A disparidade quantitativa de versos em cada um dos poemas é curiosa: Roma é descrita num hexâmetro apenas (*Prima urbes inter, diuum domus, aurea Roma*); Burdígala em 35, constituindo assim o poema mais extenso da colecção. A verdade é que Ausónio não esconde a ligação afectiva a Burdígala, de tal forma que os louvores da sua cidade evocam ressonâncias hímnicas, como nota Roger Green. *Diligo Burdigalam, Romam colo* (v. 167): mesmo no tocante às cidades que igual influência exerceram na sua vida, Ausónio não resiste à tentação de as hierarquizar, ainda que tal hierarquização seja apenas afectiva. Esta preocupação de 'avaliar' os méritos individuais das principais cidades do Império é visível ao longo de toda a colecção: no segundo poema, Cartago tem de ceder em importância política a Constantinopla, circunstância que, segundo Ausónio sugere, não agrada aos Cartagineses. No entanto, ambas ocupam o segundo lugar no *Ordo* a seguir a Roma. Quanto ao terceiro lugar, é ocupado *ex aequo* por Alexandria e Antioquia, cidades negativamente valorizadas por Ausónio, como todos os comentadores notam. A ênfase qualitativa no *Ordo Urbium Nobilium* nota-se acima de tudo nas cidades italianas e nas da Gália: no v. 28, a expressão *armipotens dudum celebrari Gallia gestit* sugere que, da perspectiva de Ausónio, já não era sem tempo que alguém se encarregasse dos louvores da Gália. Este facto explicará em certa medida a discrepância entre as descrições efusivas de cidades como Trier, Toulouse, Narbonne e Bordeaux e a descrição gelada e descomprometida de Atenas, Alexandria e Antioquia. Nota-se por conseguinte uma mundividência dicotómica: o Império é claramente visto em termos de ocidente e oriente; e Ausónio não oculta nem mascara a sua preferência pela parte ocidental, que é apresentada com todos os atributos intelectuais e culturais tradicionalmente associados às cidades gregas, mas sem os defeitos apontados nas descrições de Alexandria e Antioquia. Aliás, a sensação do leitor perante a descrição de Milão, por exemplo, é que Ausónio está a querer atribuir-lhe um estatuto e um modo de relacionamento com Roma que mais facilmente adscreveríamos a Atenas. O *Ordo* de Ausónio pressupõe uma 'ordenação do território' do Império Romano em termos de projecção política e cultural: não admira, portanto, que face à valorização cultural de Milão, Atenas seja concomitantemente denegrada. Aliás, e para entrarmos agora na parte que mais nos interessa, no *Ordo* de Ausónio o lugar atribuído a Atenas vem logo a seguir à cidade de Brácará, a actual Braga no território português.

O lugar atribuído por Ausónio às quatro cidades hispânicas, apesar do que acabámos de dizer, não é especialmente prestigiante: embora venham antes de Atenas, Catânia e Siracusa (as cidades a que se confere

menos prestígio), estão posicionadas após as importantes cidades de Itália e da Gália – à exceção, neste último caso, de Toulouse, Narbonne e Bordeaux, que, por serem cidades bem conhecidas do poeta, formam a 'coda' apoteótica do *Ordo*, segundo o critério de 'last but not least'.

Hispalis (Sevilha) surge sem dúvida como a cidade mais importante da Península segundo a mundividência de Ausônio. Ficamos com a impressão de que as cidades de Córdova, Tarragona e Braga são referidas tão-só para vincar a superioridade de Sevilha 'à qual toda a Hispânia submete os seus magistrados' como se diz no v. 3 (*summittit cui tota suos Hispania fasces*). Na verdade, Sevilha tinha uma importância comercial inegável, dada a sua situação privilegiada: no artigo consagrado a Hispalis na enciclopédia de Pauly-Wissowa, Schulten vai ao ponto de comparar a actual capital da Andaluzia a Hamburg e Bremen. Quanto a Córdova (ou Κορδύβη, como Políbio lhe chama [30, 2,2]), deteve ao longo do Império considerável importância política. Foi fundada por Cláudio Marcelo no séc. II a.C., e celebrizou-se por ser a cidade natal de Séneca e Lucano. A referência que Ausônio lhe faz é muito pouco descritiva: pelo menos no concernente a Tarragona e Braga sempre regista a informação de que aquela era *arce potens* e esta *diues*. Tarragona, uma fundação etrusca, foi durante o período imperial a cidade mais importante da Península, pelo menos do ponto de vista político, como nota Schulten. Esta importância espelha-se também no número de inscrições romanas encontradas em Tarragona: 500, em comparação com 150 encontradas em Córdova e cerca de 100 em Sevilha. Era uma cidade arquitectonicamente muito rica, com construções esplendorosas e um anfiteatro. Quanto a Braga ou Βρακαρραυγούστα, como lhe chama Ptolemeu (2, 6, 38), surpreende a situação da cidade junto a uma baía. Isto poderá levar-nos a concluir que faltavam a Ausônio alguns conhecimentos básicos sobre a Península, o que é de certo modo corroborado pelo facto de Paulino de Nola o acusar de ignorância relativamente à Hispânia no carne 10.

Curiosamente, este suposto desinteresse da parte de Ausônio pela Península serviu para fundamentar uma emenda textual ao primeiro verso do poema, onde os manuscritos *V* e *H* têm *cara* e *P* tem *cura* (podemos excluir desde logo a lição *cura* visto que, numa frase sem infinitivo, proporciona uma construção gramatical demasiado hispida). O humanista Tollius propôs a emenda *clara*, adoptada por Roger Green na sua edição de Ausônio, com o argumento de que *clara* oferece uma fraseologia mais objectiva e descomprometida do que *cara*, que introduziria uma nota injustificavelmente emotiva. Mais interessante ainda é a lição *Hispalis* de *V* no v. 2 a destoar da lição de *P* e *H*, *Emerita*, o que põe em causa a identidade da principal cidade hispânica cantada por Ausônio. No entan-

to, como nota Green, a expressão *aequoreus... amnis* é normalmente utilizada por Ausônio para descrever rios de grande caudal, pelo que fará mais sentido pressupor o Guadalquivir do que o Guadiana, um rio que, por essa ordem de ideias, como sabemos, raramente motiva o epíteto *aequoreus*. Por outro lado, note-se que o sintagma *nomen Hiberum* sugere um jogo etimológico com *Hispalis*.

Imaginemos agora a situação real na sala de aula. O professor acabou de distribuir fotocópias do texto e anuncia que se vai fazer um exercício de leitura e análise à primeira vista. Diferentes docentes terão certamente perspectivas diversas em relação ao modo de se abordar um texto à primeira vista, mas na minha experiência o processo mais útil é pedir aos alunos que identifiquem o número e a pessoa de todas as formas verbais do texto. A partir destes dados é possível partir para a consideração dos substantivos e dos adjectivos: em que caso é que estão? Existirá concordância entre *clara* e *Hispalis*, *nomen* e *Hiberum*, *aequoreus* e *amnis*, *tota* e *Hispania*, *suos* e *fascis*, *potens* e *Tarraco*, *Bracara* e *diues*? Como é que as frases se relacionam? Neste campo das frases, poder-se-á aproveitar para rever a concordância do pronome relativo. No que respeita ao sintagma preposicional *post has* no primeiro verso, será naturalmente necessário indicar que se subentende *urbes*, isto é as outras cidades anteriormente referidas pelo poeta. Alguma dificuldade poderá ser sentida com a expressão *suos...fascis*. Ora *fascis* significa no plural os bastões dos magistrados; por metonímia, pode significar, como aqui, magistratura. Quanto à tradução do último verso, sugiro algo como 'e Braga que, rica, se evidencia na reentrância do mar'.

Para terminar, aconselho uma referência à métrica do hexâmetro dactílico. O topónimo *Tarraco* é uma boa desculpa para se falar um pouco do ritmo da poesia grega e latina, visto que é devido a este texto de Ausônio que sabemos a quantidade do segundo *a*, pelo que pronunciamos Tárraco e não Tarraco. Mesmo que não se queira logo ensinar o hexâmetro dactílico, é útil para os alunos saberem que o ritmo poético está baseado numa alternância mais ou menos previsível entre sílabas breves e longas. Muitas vezes os alunos fazem da métrica um 'bicho de sete cabeças', em virtude de esta matéria ser por vezes ensinada de forma traumática em duas ou três aulas antes de um teste ou exame. Ora isto é impossível. O ideal seria ir dando as noções principais sempre que apareça um texto em verso, de tal forma que quando chegar o dia em que os alunos têm de ser avaliados nesta matéria já estejam perfeitamente à vontade no assunto. Os versos mais aconselhados para uma iniciação ao tema são os vv. 82 e 85.

82 - ~ ~ ~ : - ~ ~ ~ : - | - : - - : - ~ ~ ~ : - - (cesura pentemímere)

85 - ~ ~ ~ : - | ~ ~ ~ : - | - : - | - : - ~ ~ ~ : - - (cesuras pentemímere e triemímere com heftemímere)